

A Revolução Russa e o debate sobre o papel dos sindicatos (1919-1921)

Carlos Prado*

Resumo: O presente artigo pretende discutir a polêmica suscitada em 1920 no interior do Partido Bolchevique sobre o papel dos sindicatos em uma economia de transição socialista. A controvérsia teve sua origem em dezembro de 1919, quando Trotski, chefe do Comissariado de Guerra, lançou a proposta pela “militarização do trabalho” e só se encerrou em 1921, durante o X Congresso do PCR(b). Durante os meses de debate diversos líderes e órgãos se manifestaram e contribuíram com o debate. Formaram-se ao menos três grupos que dominaram as discussões. De um lado, Trotski e Bukharin defenderam que sob ameaça de total decomposição da Revolução e da estrutura político-econômica era preciso instalar o controle estatal sobre a classe trabalhadora. De forma completamente oposta, se posicionaram o grupo da Oposição Operária, que protestou contra a tutela do governo e do partido em relação aos sindicatos. Por sua vez, entre os dois extremos, o grupo liderado por Lenin, apresentou uma posição intermediária. Insistiram que o recurso da coação só deveria ser utilizado em última instância e que os sindicatos não deveriam ser transformados em apêndices do Estado. O objetivo deste trabalho é apresentar e caracterizar estas divergentes posições acerca dos sindicatos na Rússia em processo de transição.

Palavras-chave: Revolução Russa; Sindicatos; Trotski; Oposição Operária; Lenin.

The Russian Revolution and debates about de role of syndicates (1919-1921)

Abstract: The present article intends to discuss the controversy raised in 1920 within the Bolshevik Party about the role of syndicates in a socialist transition economy. The controversy had its origin in December 1919, when Trotsky, head of the Commissariat of War, launched the proposal for the "militarization of labor" and only ended in 1921 during the X Congress of the Bolshevik Party. During the months of debate, several leaders and bodies expressed themselves and contributed to the debate. At least three groups were formed to dominate the discussions. On the one hand, Trotsky and Bukharin argued that under threat of total decomposition of the Revolution and the political-economic structure it was necessary to install state control over the working class. In a completely opposite way, the Workers' Opposition group, which protested against the tutelage of the government and the party against the syndicates, were positioned. In turn, between the two extremes, the group led by Lenin, presented an intermediate position. They insisted that the use of coercion should only be used as a last resort and that syndicates should not be transformed into appendices of the State. The purpose of this paper is to present and characterize these divergent positions on the syndicates in Russia in transition.

Keywords: Russian Revolution; Syndicates; Trotsky; Workers' Opposition; Lenin.

* Professor Doutor do Curso de História da UFMS.

Em meados de 1918, a economia soviética estava em frangalhos. A guerra mundial, a revolução de fevereiro e outubro e a guerra civil fez com que a produção industrial e agrícola retrocedessem enormemente. Diante da escassez material, os bolcheviques trataram de implantar uma política de rigoroso controle sobre os recursos existentes, era o “comunismo de guerra”. A indústria foi totalmente nacionalizada, o comércio privado foi proibido e o exército era alimentado mediante a requisição de alimentos nos campos. Assim, enquanto o dinheiro se desvalorizava, o Estado tentava manter um controle sobre a baixa produção, distribuindo os produtos de acordo com os interesses mais imediatos da revolução.

Com a aproximação da vitória na guerra civil, a questão em torno da reorganização econômica passou a ser uma das questões mais iminentes. Trotski tivera êxito no Comissariado de Guerra, a vitória militar do Exército Vermelho contra os Brancos já era evidente. Assim, ele pensou em aplicar na reorganização econômica princípios que havia aplicado no setor militar. A partir da sua experiência à frente do exército, Trotski lançou a tese de que os operários deveriam ser recrutados para o trabalho do mesmo modo que os soldados. Era a “militarização do trabalho”. A proposta era de que o sistema de mobilização militar fosse replicado para a mobilização do trabalho civil.

Não tardou para aparecessem inúmeros protestos a nova medida. Diversos membros do partido se manifestaram contrários à proposta e diversos artigos denunciando a militarização do trabalho foram publicados. Trotski foi acusado de ser partidário da disciplina e do terror e, obviamente, contrário à democracia, à liberdade e à autonomia dos trabalhadores.¹ A problemática em torno da reorganização econômica discutiu principalmente o papel dos sindicatos e, no período que antecedeu o X Congresso do Partido, surgiram várias tendências e proposta que abordavam a questão.

O presente trabalho pretende discutir a polêmica suscitada no interior do Partido Bolchevique sobre o papel dos sindicatos em uma economia de transição socialista. As teses de Trotski e Bukhárin, bem como a Plataforma da Oposição Operária e as intervenções de Lenin representam os momentos fundamentais desta controvérsia. Nosso

¹ “Os protestos cresceram nos jornais bolcheviques, feitos pelos velhos companheiros de Trotski, Riazanov e Larin; por bolcheviques eminentes como Rikov, Militium, Nogin, Goltzman e outros. (...) Velhos e calejados bolcheviques declararam-se cansados das imposições do Exército, afirmando que o Comissariado de Guerra há muito mantinha o país sob o terror e lhes sugava o sangue, e que não estavam dispostos a tolerar as novas ambições de Trotski”. DEUTSCHER, Isaac. *Trotski: o profeta armado, 1879-1921*. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, p. 588.

objetivo é apresentar e caracterizar as divergentes posições acerca dos sindicatos na Rússia em processo de transição.

Trotsky, a militarização do trabalho e o papel dos sindicatos

As teses de Trotsky foram apresentadas pela primeira vez em 16 de dezembro de 1919, quando ele levou ao Comitê Central a discussão sobre a organização da “transição econômica”. E entre as diversas questões apresentadas, chamou atenção e gerou protestos a problemática em torno da “militarização do trabalho”. Trotsky apresentara este texto apenas para o Comitê Central, e serviria para iniciar as discussões sobre a reorganização econômica, mas Bukharin, por engano, o publicou no *Pravda*, o que deu início a uma longa controvérsia que se arrastou até o X Congresso do Partido Bolchevique. Não apenas Lenin, mas a maioria do Comitê Central apoiou estas teses e, Trotsky que ocupava o cargo de Comissariado de Guerra assumiu também as funções do Comissariado de Trabalho.²

Em 12 de janeiro, Trotsky e Lenin apresentaram o projeto aos líderes bolcheviques dos sindicatos, insistindo para que a medida fosse aceita e implementada. Para justificar o atentado ao “espírito da revolução”, Trotsky argumentou que “É necessário dizer aberta e francamente para todo o país que nossa situação econômica é cem vezes pior do que o foi nossa situação militar (...) Devemos levantar o grito de proletários, de volta às fábricas! Proletários, de volta à produção”.³ Ele considerava que diante da catástrofe econômica e do perigo da derrota da revolução, as medidas coercitivas se justificavam. Lenin também defendeu a necessidade da disciplinarização do trabalho. Todavia, a proposta foi rejeita quase que unanimemente pelos sindicatos. “Entre mais de três dezenas de líderes bolcheviques, somente dois votaram a favor. Nunca Trotsky ou Lenin sofreram uma derrota tão esmagadora”.⁴ Os críticos do projeto acreditavam que a economia não poderia voltar a crescer mediante a utilização da força contra os trabalhadores e os camponeses e que não fazia qualquer sentido o Estado Operário agir coercitivamente contra os trabalhadores.

Todavia, mesmo diante desse revés, o primeiro “exército do trabalho” foi criado. Não se tratou da militarização do trabalhador civil, mas da transformação de um exército

² “Lenin apoiara integralmente a política de Trotsky. Apegava-se ao comunismo de guerra, que só poderia funcionar – talvez – se as medidas propostas por Trotsky tivessem êxito. Nem fazia Lenin objeções a que o Comissariado de Guerra assumisse a responsabilidade pelo trabalho industrial”. Ibidem, p. 587.

³ *Apud* Ibidem, p. 589.

⁴ Ibidem.

regular em força de trabalho. O Terceiro Exército no Urais, após a vitória sobre *Kolchak* estava ocioso e sem condições de transporte para se locomover, assim se propôs que o exército fosse utilizado para o trabalho no campo.⁵ Não houve oposição dos sindicatos. A iniciativa se ampliou e os exércitos do Cáucaso e da Ucrânia foram recrutados para o trabalho em mineração: “Adaptar o exército completamente às tarefas de trabalho, sem desorganização do seu aparelho, desta forma a qualquer momento o exército pode ser transferido para tarefas militares”.⁶

No início de 1920, Trotski foi inspecionar o exército de trabalho no Urais e, de acordo com Deutscher, durante esta visita, ele sentiu que o povo estava apático e cansado, sem vitalidade e sem energia para se dispor ao trabalho pela revolução. Assim, voltou para Moscou com a ideia de que era necessário estabelecer certa margem de liberdade econômica e que as requisições de alimentos deveriam ser revistas. A produção só aumentaria se o camponês pudesse lucrar com a sua produção.

Destarte, Trotski chegou a propor no Comitê Central que elementos do livre mercado deveriam ser reintroduzidos, o lucro incentivaria e ampliaria a produção. A proposta foi rejeitada.⁷ As esperanças com o Comunismo de Guerra ainda não haviam se esgotado e o retorno aos princípios capitalistas pareciam como um perigoso retrocesso. Esta proposta de Trotski era muito semelhante àquela que foi adotada no ano seguinte, durante o X Congresso do Partido, a chamada Nova Política Econômica (NEP). Com a negativa, o líder do exército vermelho recuou e voltou a pensar a reorganização econômica dentro dos limites do Comunismo de Guerra.

A economia continuava sem apresentar sinais de melhora. A produção industrial e agrícola estavam estagnadas e eram insuficientes para abastecer as cidades. O fantasma

⁵ “O Terceiro Corpo do Exército foi transformado no Primeiro Exército do Trabalho enquanto mantinha seu aparato militar intacto, em face da possibilidade de que este exército pudesse ter sido transferido para a Sibéria ou para o norte do Cáucaso. Isso está relacionado comparativamente com os limites estreitos que avançam para o uso do Terceiro Exército para fins de trabalho. Sob as condições atuais, podemos substituir a frente de trabalho por 23% de seu pessoal. Na realidade atual, o número de trabalhadores não atinge esse número, pois a adaptação do exército às tarefas do trabalho e até mesmo à transferência de unidades ainda não estava concluída”. TROTSKI. *De um relatório ao Encontro de Soldados Comunistas do Exército Vermelho em Yekaterinburgo*, 26 fev de 1920. Disponível em: https://www.marxists.org/espanol/trotsky/1920/febrero/26_ii_2.htm. Acessado em 18 abr de 2018.

⁶ *Ibidem*.

⁷ “Convencido de que não há saída que possa evitar a iminente catástrofe econômica nos marcos da política do comunismo de guerra, Trotski considera inclusive a possibilidade de renunciar a esta última. Na sessão do Comitê Central de fevereiro de 1920, ele propõe o restabelecimento de um mercado, substituindo as requisições por um imposto progressivo em espécie e realizando um esforço para prover aos camponeses produtos industriais em quantidades correspondentes. Esta é, em essência, a política que, com o nome de NEP, irá ser adotada um ano mais tarde. No entanto, Lenin não está totalmente convencido e a proposta é derrotada por onze votos a quatro”. BROUÉ, Pierre. *O Partido Bolchevique*. São Paulo: Sundermann, 2014, p. 139.

da fome estava presente na Rússia revolucionária. “Como o partido se recusara a minorar os rigores do Comunismo de Guerra, foi obrigado a agravá-los. Trotski consentiu em arcar com o ônus e a antipatia da tarefa”.⁸ Diante da recusa de uma reforma econômica, ele voltou à polêmica questão em torno da militarização do trabalho.

Durante o IX Congresso, Trotski apresentou uma proposta defendendo o uso de medidas disciplinares como uma necessidade diante da situação econômica e defendeu o direito do Estado agir coercitivamente sobre os trabalhadores: “O Estado Operário se considera autorizado a enviar todos os trabalhadores onde o trabalho deles é necessário. E nenhum socialista sério negará ao Estado Operário o direito de punir o obreiro obstinado em não cumprir a missão que lhe é dada”.⁹ Além da coerção no trabalho, também defendeu a utilização de vantagens salariais para os trabalhadores mais eficientes. Trata-se da “emulação socialista”, sistema que proporcionaria uma desigualdade de salários de acordo com a produção: “no período de transição, cheio de dificuldades, em condições de extrema pobreza material, a emulação deve inevitavelmente estar ligada, de certa forma, ao desejo de garantir itens de consumo pessoal”.¹⁰ Trotski justificou o incentivo pessoal nos seguintes termos:

No sistema capitalista, o trabalho por peça, trabalho e serviço, produção, o estabelecimento do taylorismo, etc., tinham como objetivo aumentar a exploração dos trabalhadores e usurpá-los da mais-valia. Uma vez que a produção tenha sido socializada, o trabalho por peça, os prêmios, visam aumentar a massa do produto social e, conseqüentemente, aumentar o bem-estar comum. Os trabalhadores que contribuem mais para o bem-estar comum adquirem o direito de receber uma parcela maior do produto social do que o preguiçoso, indolente e desorganizadores.¹¹

Por fim, ainda destacou que era preciso organizar o trabalho de forma racional e científica e que os princípios do taylorismo deveriam ser aplicados na produção socialista. Tal concepção causou espanto e indignação no interior do partido e entre os trabalhadores. O congresso não aprovou as medidas.

Posteriormente, Trotski foi indicado pelo Politburo para assumir temporariamente o departamento de transporte e ganhou apoio do partido para implantar qualquer medida. Os anos de guerra também haviam destruído toda a malha ferroviária russa. A situação do transporte estava à beira do colapso. Diante da situação emergencial,

⁸ DEUTSCHER, Isaac. *Op. cit.*, p. 594.

⁹ TROTSKI. *Informe sobre a organização do trabalho*. Abr de 1920. Disponível em: <https://www.marxists.org/espanol/trotsky/1920/abril/iv.htm>. Acessado em 18 de abr de 2018.

¹⁰ *Ibidem*.

¹¹ *Ibidem*.

ele lançou os trabalhadores civis do setor ferroviário num regime militarizado de trabalho. Os líderes dos sindicatos dos ferroviários se levantaram contra essas medidas coercitivas e foram afastados, sendo substituídos por outros que não se opunham.

Segundo Deutscher, sob o comando de Trotski e com o apoio do *Politburo*, houve intervenção em vários sindicatos de empregados em transporte.¹² Broué assinalou que “O comitê de organização dos transportes (Tsektran), que, estimulado por Trotski, foi construído para substituir a direção sindical, se converteu no grande inimigo dos dirigentes sindicais, incluindo os bolcheviques”.¹³ Se por um lado, a medida significava a negação total dos princípios revolucionários, por outro, trouxe resultados rápidos e centenas de quilômetros de estradas de ferro foram reabilitadas.¹⁴

Diante do “sucesso” da empreitada, Trotski propôs levar a medida a outros sindicatos. Ou seja, pretendia afastar os líderes sindicais eleitos e indicar nomeados que não causariam problemas ao Estado, disciplinando os trabalhadores em nome dos interesses econômicos mais imediatos da revolução. Foi somente neste momento, que Lenin e as demais lideranças do partido se dissociaram de Trotski.

Em 8 de novembro de 1920, uma reunião do Comitê Central reagiu à pretensão centralizadora e burocrática da intervenção nos sindicatos e adotou um texto que impunha limites a militarização, alertando sobre o perigo de degeneração burocrática do trabalho militarizado e defendendo a autonomia dos sindicatos.¹⁵ Argumentou-se que a necessidade econômica imediata não poderia colocar o Estado Operário contra os próprios trabalhadores.¹⁶ Sob a presidência de Zinoviev, criou-se uma Comissão especial para tratar da relação entre os sindicatos e o Estado. O objetivo era restabelecer os princípios democráticos, a liberdade e a autonomia dos trabalhadores.

A questão em torno do papel dos sindicatos em uma sociedade capitalista é bastante clara, mas a função e a relação que estes órgãos devem desempenhar em uma sociedade revolucionária era um problema ainda em discussão. As questões em torno do papel dos sindicatos suscitaram um interessante debate, no qual se constatou a formação de três tendências principais.

¹² DEUTSCHER, Isaac. *Op. cit.*, p. 597.

¹³ BROUÉ, Pierre. *Op. cit.*, p. 139.

¹⁴ DEUTSCHER, Isaac. *Op. cit.*, p. 598.

¹⁵ BROUÉ, Pierre. *Op. cit.*, p. 139-140.

¹⁶ “Lenin dissociou-se claramente de Trotski e convenceu o Comitê Central a fazer o mesmo. O Comitê convocou abertamente o partido a resistir energicamente às “formas de trabalho militarizadas e burocráticas” e censurou o “centralismo degenerado” que dominava os representantes eleitos pelos trabalhadores. Concitou o partido a restabelecer a democracia proletária nos sindicatos e subordinar todas as outras considerações a essa tarefa”. DEUTSCHER, Isaac. *Op. cit.*, p. 599.

A primeira foi aquela lançada por Trotski e que teve o apoio de Bukharin. Segundo esta concepção, com o fim do Estado capitalista e da propriedade privada, os sindicatos deveriam desempenhar uma nova função. Sob a égide do Estado Operário, eles deixariam de ser instrumentos utilizados pelos trabalhadores para alcançarem melhores salários e condições de trabalho e se tornariam órgãos de mediação, através dos quais o Estado falaria aos operários:

Sem o trabalho obrigatório, sem o direito de dar ordens e exigir o seu cumprimento, os sindicatos perdem a sua razão de ser, porque o Estado socialista em formação precisa deles, não para lutar pela melhoria das condições de trabalho - que é o trabalho da organização social governamental -, mas com a finalidade de organizar a classe trabalhadora para a produção, para educá-la, (...) em uma palavra, introduzir autoritariamente aos trabalhadores, em pleno acordo com o poder, no plano econômico único.¹⁷

Os sindicatos seriam convertidos em órgãos disciplinares, sem autonomia, que permitiriam que o plano econômico fosse cumprido. Trotski acreditava que a indústria só poderia voltar a se restabelecer se os sindicatos atuassem assegurando que todos os trabalhadores, seguindo uma disciplina rígida, cumprissem suas tarefas no interior do processo produtivo. Dentro desta perspectiva, os sindicatos teriam uma função educativa.

De acordo com Trotski, desempenhariam “uma ação de educação científica e técnica que permitiria a todos os trabalhadores, a partir de seu próprio trabalho, desenvolver o trabalho teórico de pensamento que, por sua vez, melhoraria e tornaria mais produtivo o primeiro”.¹⁸ Diante das condições econômicas em que se encontrava a Rússia revolucionária, não havia condições de se reivindicar maiores salários ou melhores condições, uma vez que a produção estava estagnada. Assim, Trotski lançou ataques contra aqueles que questionavam a obrigatoriedade do trabalho e falavam em liberdade do trabalho.¹⁹

Para Trotski, a principal preocupação do Estado e também dos trabalhadores deveria ser o restabelecimento das atividades econômicas, o que demandava trabalho e disciplina. Logo, não havia espaço para a satisfação de interesses privados, pois o que se colocava na ordem do dia era a solidariedade com a reconstrução econômica do país. Os sindicatos perdiam sua função reivindicatória e seriam incorporados ao Estado. Não

¹⁷ TROTSKI. *Informe sobre a organização do trabalho. Op. cit.*

¹⁸ *Ibidem.*

¹⁹ “Defender, nessas condições, a “liberdade” do trabalho, é defender a busca inútil, ineficaz e incerta de melhores condições, o passo caótico, sem sistema, de uma fábrica para outra, em um país faminto, no meio dos mais pobres e da desorganização terrível de transporte e abastecimento”. *Ibidem.*

obstante, os trabalhadores se tornariam indefesos, pois qual seria o órgão capaz de apresentar suas demandas? É esta lacuna que Broué aponta: “O ponto frágil é seu silêncio em relação à função de defesa dos interesses operários pelos sindicatos. (...) parece bastante provável que nem Trotski, nem Bukharin concebiam a necessidade de defender os interesses operários em um Estado Operário”.²⁰

A Plataforma da Oposição Operária

Em posição completamente contrária estava a Oposição Operária que era liderada por Kollontai e Shliapnikov, e os Decemistas, grupo do Centralismo Democrático. Em uma plataforma, apresentada em 1921, os oposicionistas afirmavam ser a expressão as angústias do proletariado industrial e denunciaram que o partido começava a se separar da classe operária e a desviar do seu programa. Argumentavam que era preciso manter e cumprir os princípios expressos no programa do Partido Comunista de 1917. A proposta oposicionista evidenciava que o debate não era apenas sobre as condições intoleráveis de vida e de trabalho, mas essencialmente, sobre a reestruturação econômica. Enfatizaram que diante da nova organização socialista do trabalho os sindicatos deveriam assumir uma função protagonista.

Os oposicionistas acusavam o partido de “Excluir os trabalhadores da organização da produção, privando-os (ou das suas próprias organizações) da possibilidade de criar novas formas de produção na indústria através dos seus sindicatos”.²¹ Apontavam que o partido demonstrava não confiar na classe operária, em suas organizações e na sua capacidade criadora. A insistência de uma direção individual, comandada por especialistas, era segundo os oposicionistas, manifestação dessa falta de confiança na própria classe operária.²² De acordo com o programa oposicionista, a direção econômica deveria ser coletiva e partir das organizações sindicais.

A Oposição Operária acreditava que era preciso mudar completamente o sistema de controle econômico. Assim, o primeiro passo, seria retirar a direção das mãos dos especialistas burocratas, passando para as mãos dos trabalhadores, organizados em seus

²⁰ BROUÉ, Pierre. *Op. cit.*, p. 141.

²¹ KOLLONTAI, Alejandra. **La Oposición Obrera**. In: OLIVER, Michael. *La izquierda Bolchevique y el poder obrero: 1919-1927*. Espartaco Internacional, 2011, p. 139, (Tradução nossa).

²² “Confiar inteiramente na habilidade de especialistas treinados para operar a produção sob um sistema totalmente diferente é abandonar os trilhos do pensamento marxista científico. No entanto, isso é exatamente o que os líderes do nosso Partido estão fazendo”. *Ibidem*, (Tradução nossa).

sindicatos. Buscavam a criação de novas formas de organização do trabalho e rejeitavam as intervenções dos especialistas, pois acreditavam que estes não poderiam criar nada de novo, mas apenas reproduzir as velhas formas capitalistas de produção.²³ Por isso, afirmavam que só a classe trabalhadora teria uma produção criadora:

Quem vai construir a economia comunista? Uma classe, a classe trabalhadora, e não alguns gênios individuais que pertencem ao passado. Pois a classe trabalhadora está organicamente ligada às novas formas de produção, mais produtivas e mais perfeitas (...) Que órgão, os sindicatos industriais puramente operários ou as *instituições econômicas soviéticas de forma heterogênea*, pode formular e resolver os problemas da criação de organização da nova economia e da nova produção? A Oposição Operária considera que apenas as coletividades trabalhadores podem fazê-lo, e não um grupo burocrático de funcionários.²⁴

A plataforma da Oposição Operária afirmava que diante de um Estado Operário, os sindicatos deveriam permanecer livres, com total autonomia e liberdade para atuar não apenas na defesa dos trabalhadores, mas na organização da produção. Os sindicatos deveriam deixar de ser expressão da atitude de resistência passiva às instituições e se lançarem na ativa direção de toda estrutura econômica do país.

Dessa forma, os sindicatos seriam incorporados ao Estado Operário, mas seriam órgãos dirigentes, autônomos e não estariam sob o controle de uma direção. A solução que a Oposição reivindicava para a questão em torno da nova organização econômica era dar aos trabalhadores em seus sindicatos “total liberdade para experimentar, adaptar e descobrir novas formas de produção, organizar a atuação profissional numa base de classe, expressar e desenvolver suas capacidades criativas”.²⁵ Dessa forma, denunciaram não apenas Trotski, como Lenin, por manterem a dissociação entre o Estado dirigente e os trabalhadores.²⁶

A concepção de Lenin sobre os sindicatos

²³ “A raiz da controvérsia e a causa da crise está em acreditar que os "realistas", técnicos, especialistas e organizadores da produção capitalista pode ser liberados imediatamente de suas concepções tradicionais de gerir o trabalho, concepções que penetraram profundamente em sua carne durante os anos ao serviço do capital, e pode ser capaz de criar novas formas de produção, organização do trabalho e ativação dos trabalhadores”. Ibidem., p. 150, (Tradução nossa).

²⁴ Ibidem, p. 152, (Tradução nossa).

²⁵ Ibidem, (Tradução nossa).

²⁶ “É justo reconhecer que Trotsky, Lênin, Zinoviev e Bukharin eles dão razões diferentes para explicar que eles ainda não podem confiar nos trabalhadores para fazer a indústria funcionar; mas eles estão todos de acordo que, no momento, a gerência de produção deve ser feito sobre as cabeças dos trabalhadores, por meio de um sistema burocrático herdado do passado”. Ibidem, (Tradução nossa).

Quando a polêmica sobre os sindicatos se ampliou, Lenin interveio e fez críticas as duas principais tendências em debate, àquela de Trotski e Bukhárin e a que foi lançada pela Oposição Operária. Assumindo uma posição intermediária, ao lado de Zinoviev e Kamenev, ele observou que os sindicatos deveriam manter certa responsabilidade com o Estado, observando os limites econômicos, mas não poderiam ser tutelados ou controlados por uma burocracia. Os sindicatos deveriam permanecer como órgãos autônomos com a função primordial de representar e defender os interesses da classe operária.²⁷

Sua primeira intervenção sobre o tema, ocorreu em um discurso durante o VIII Congresso dos Sovietes, realizado em 30 de dezembro de 1920, quando lançou críticas às teses de Trotski e Bukhárin. Apontou que estas tinham um sentido político “nefasto”, que se caracterizava pela “limitação burocrática dos sindicatos”. Lenin não criticou o uso da coerção e apontou a importância e a necessidade da disciplina, o erro destacado foi de estabelecer uma postura extremamente passiva das organizações dos trabalhadores:

(...) os sindicatos são uma organização da classe dirigente, dominante, governante, da classe que exerce a ditadura, da classe que aplica a coerção estatal. Mas não é uma organização estatal, não é uma organização coercitiva, é uma organização educadora, uma organização que atrai e instrui, é uma escola, escola de governo, escola de administração, escola de comunismo.²⁸

Lenin argumentou que a principal falha de Trotski foi a de estabelecer que durante o período de transição, “a defesa dos interesses materiais e espirituais da classe operária não era da incumbência dos sindicatos em um Estado Operário”.²⁹ Para Lenin, este equívoco resultava de uma incompreensão teórica do momento de transição revolucionária. Trotski argumentava que com a constituição de um Estado Operário, para quem e ante de quem a classe operária haveria de se defender? Lenin respondeu: “Não se trata de um Estado completamente operário, aí está o x da questão (...) Em nosso país, o Estado não é, na realidade, operário e sim operário e camponês”.³⁰ E por isso, ainda estava incorporado de contradições e a classe operária precisaria sim utilizar dos

²⁷ “Os sindicatos não deviam, portanto, ser transformados em apêndices do Estado. Deviam conservar uma certa autonomia, deviam falar pelos trabalhadores, se necessário contra o governo, e deviam tornar-se as escolas, não os campos de treinamento, do comunismo. (...) A classe trabalhadora devia defender-se, embora com contenção, e pressionar em favor de suas reivindicações junto à administração”. DEUTSCHER, Isaac. *Op. cit.*, p. 607.

²⁸ LENIN, V. I. *Sobre os sindicatos, o momento atual e os erros de Trotski*. 30 dez de 1920. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/lenin/1920/12/30.htm>. Acessado em 20 abr de 2018.

²⁹ *Ibidem*.

³⁰ *Ibidem*.

sindicatos para lutar por melhores condições e para se defender contra as deformações burocráticas deste Estado em transição.

Lenin também lançou críticas às teses da Oposição de Operária. Ele apresentou uma resolução ao X Congresso, na qual qualificava as teses oposicionistas como um “desvio sindicalista e anarquista” e, contra a qual exigiu medidas energéticas de combate, visando a sua depuração. De acordo com a resolução, o desvio não tinha origem na classe operária, mas era resultado do ingresso no partido de ex-mencheviques, e de operários e camponeses “que ainda não haviam assimilado completamente as concepções comunistas”.³¹ De acordo com Lenin, havia neste grupo uma forte influência de concepção pequeno-burguesas, que engendrava vacilações que os aproximavam do anarquismo.

Para Lenin, o principal erro das teses apresentadas e defendidas pela Oposição Operária consistia na negação do papel dirigente da vanguarda da classe operária, reunida no Partido Comunista. No período de transição ao socialismo, persistia o conflito entre capital e trabalho e a ditadura do proletariado era inevitável para a vitória da revolução. Não obstante, a ditadura não deveria ser exercida pela totalidade dos operários industriais organizados em seus sindicatos. A ditadura seria exercida pela vanguarda do proletariado, organizada no Partido.

De acordo com Lenin, as teses oposicionistas menosprezavam esta questão: “Passa por cima e elimina-se em absoluto o papel dirigente, educativo e organizador do Partido em relação aos sindicatos do proletariado e o papel deste último em relação às massas trabalhadores semipequeno-burguesas e puramente pequeno-burguesas”.³² Na Rússia atrasada, o proletariado ainda apresentava posições vacilantes e, por isso, a vanguarda ainda teria um papel central, pois apenas ela reunia condições para agrupar, educar, organizar e dirigir toda a massa trabalhadora.³³ Para Lenin, a negação deste papel dirigente do partido, “constituía uma negação teórica radical do comunismo e um desvio

³¹ Ibidem.

³² LENIN, V. I. *Sobre o desvio sindicalista e anarquista em nosso partido*. Mar de 1921. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/lenin/1921/03/projeto.htm>. Acessado em 20 abr de 2018.

³³ “Mas não se pode levar a cabo a ditadura do proletariado através da organização que engloba a totalidade dele. Pois o proletariado ainda está tão dividido, tão rebaixado, tão corrompido em alguns lugares (precisamente pelo imperialismo em certos países), não só na Rússia, um dos países capitalistas mais atrasados, como também nos demais países capitalistas, que a organização integral do proletariado não pode exercer diretamente a ditadura deste. A ditadura só pode ser exercida pela vanguarda, que concentra em suas fileiras a energia revolucionária da classe”. Ibidem.

para o sindicalismo e o anarquismo, desvio que impregna todas as concepções da “Oposição Operária”.³⁴

Lenin destacou ainda que os sindicatos reunindo toda a massa proletária não poderia exercer imediatamente as tarefas de dirigir a produção econômica. Ao colocar a tarefa de reorganizar a economia a partir dos congressos sindicais, a Oposição Operária estava menosprezando a heterogeneidade subjetiva que ainda dominava o proletariado russo. Lenin argumentava que na Rússia revolucionária ainda predominava entre as massas uma concepção vacilante e pequeno-burguesa. A ruína econômica, a depauperação, as más colheitas e as epidemia “engendraram vacilações particularmente evidentes no espírito das massas pequeno-burguesas e semiproletárias”.³⁵ Por conseguinte, a Oposição Operária parecia menosprezar estas condições objetivas e subjetivas. Sua concepção não levava em conta o nível real da economia e, tampouco, o nível de consciência que predominava na massa trabalhadora.

Além disso, Lenin salientou que estas posições anarcossindicalistas debilitavam a unidade e a força da vanguarda revolucionária, o que acabava por ajudar as forças contrarrevolucionárias e poderia abrir caminho para a restauração burguesa: “estas vacilações não podem conduzir senão à restauração do poder e da propriedade dos capitalistas e dos latifundiários”.³⁶ A partir destas justificativas, qualificou as teses oposicionistas como um “desvio sindicalista e anarquista” e solicitou ao congresso que rejeitasse e combatesse a propaganda destas concepções.

Lenin seguiu desenvolvendo suas concepções sobre o sindicato e a resolução aprovada pelo Comitê Central em 4 de janeiro de 1922, “Sobre o papel e as tarefas dos sindicatos nas condições da Nova Política Econômica”, nos apresenta uma visão mais acabada de como ele pensava a atuação dos sindicatos e sua relação com o Estado Operário. O primeiro ponto a ser destacado é que os sindicatos deveriam ter como principal função a defesa dos interesses dos trabalhadores diante das empresas privadas e do Estado Operário.

A NEP admitia a liberdade de comércio e o desenvolvimento do mercado dentro de limites, de acordo com a regulamentação do Estado, que exercia um controle do comércio privado. Mesmo com esta intervenção estatal, Lenin apontou que “subsistia,

³⁴ Ibidem.

³⁵ Ibidem.

³⁶ Ibidem.

indiscutivelmente, o antagonismo dos interesses de classe entre o trabalho e o capital”.³⁷ Diante dessa realidade concreta ainda contraditória, a luta de classes preservava o seu lugar e, portanto, “uma das tarefas mais importantes dos sindicatos é, desde este momento, a defesa, em todos os aspectos e por todos os meios, dos interesses de classe do proletariado em sua luta contra o capital”.³⁸ Mesmo diante das empresas estatais, os sindicatos, argumentava Lenin, deveriam manter uma função de defesa consistente dos interesses imediatos dos operários:

(...) no que diz respeito às empresas socializadas, recai incondicionalmente sobre os sindicatos a obrigação de defender os interesses dos trabalhadores, de contribuir, na medida do possível, para melhorar suas condições materiais de existência, corrigindo constantemente os erros e os exageros nos organismos econômicos, uma vez que estes erros e exageros derivam-se da deformação burocrática do aparelho do Estado.³⁹

O período de transição econômica ao socialismo ainda é marcado por contradições e a luta econômica dos trabalhadores deve ser reconhecida pelo Estado Operário. Não obstante, a relação dos sindicatos com o Estado revolucionário não deveria ser a mesma que tinham com o Estado capitalista. Em uma sociedade burguesa, dominada pela propriedade privada e pelo capital, o objetivo dos sindicatos, além da defesa econômica dos trabalhadores, deve ser a “destruição do aparelho do Estado”, a derrubada do poder burguês. Por conseguinte, na Rússia revolucionária, os sindicatos devem atuar para “fortalecer o Estado proletário, mediante a luta contra as deformações burocráticas neste Estado, contra seus defeitos e erros”.⁴⁰ Assim, Lenin defende a necessidade dos sindicatos representarem os trabalhadores numa possível luta contra o Estado dominado por sua classe, uma vez que este poderia apresentar deformações burocráticas ou vestígios do passado capitalista em suas instituições.

Por outro lado, Lenin também alerta que os sindicatos poderiam ser utilizados por grupos operários atrasado ou provocadores para desenvolverem atividades contrarrevolucionárias. Por conseguinte, caberia aos sindicatos resolver os conflitos entre grupos isolados e o Estado, sempre buscando:

(...) contribuir para a solução mais rápida e menos penosa dos conflitos, com o máximo de vantagens para os grupos operários que estes sindicatos representam, na medida em que as referidas vantagens

³⁷ LENIN, V. I. *Sobre o papel e as tarefas dos sindicatos nas condições da Nova Política Econômica*. 4 jan de 1922. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/lenin/1922/01/04.htm>. Acessado em 20 abr de 2018.

³⁸ *Ibidem*.

³⁹ *Ibidem*.

⁴⁰ *Ibidem*.

podem ser aproveitadas sem prejuízo de outros grupos e sem danos para o desenvolvimento do Estado operário e sua economia, desde que somente este desenvolvimento pode criar as bases para o bem-estar material e espiritual da classe operária.⁴¹

Observa Lenin que os conflitos econômicos persistiriam e diante destes, os sindicatos deveriam atuar como intermediários, mediando os conflitos de grupos isolados da classe operária e os organismos do Estado. Dentro dessa lógica, os sindicatos se tornam “o colaborador mais direto e imprescindível do poder do Estado”.⁴² Assim, sem perder sua autonomia ou liberdade, os sindicatos aparecem na função de mediadores dos conflitos, buscando as soluções mais rápidas e vantajosas para os trabalhadores, sem causar danos ou problemas ao desenvolvimento econômico nacional.

Por fim, a resolução aponta que os sindicatos devem permanecer como órgãos educadores, como verdadeiras “escolas do comunismo”. Marx já observara que diante do regime capitalista, os sindicatos, ao lutarem por reivindicações econômicas e políticas dos trabalhadores serviam como escolas, pois os trabalhadores aprendiam sobre a luta de classes e se tornavam socialistas sem perceberem. Essa função educadora permanece, mas destaca Lenin, que os sindicatos se tornam também escolas para a administração econômica: “os sindicatos devem ser, em particular, a escola de administração da indústria socialista (e em seguida, gradativamente, da agricultura) para toda a massa de operários, e depois para todos os trabalhadores”.⁴³ Assim, os sindicatos também seriam gradualmente integrados ao Estado, pois teriam também a função de dirigir, controlar e administrar a economia.

Referências

BROUÉ, Pierre. *O Partido Bolchevique*. São Paulo: Sundermann, 2014.

DEUTSCHER, Isaac. *Trotsky: o profeta armado, 1879-1921*. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

KOLLONTAI, Alejandra. **La Oposición Obrera**. In: OLIVER, Michael. *La izquierda Bolchevique y el poder obrero: 1919-1927*. Espartaco Internacional, 2011.

LENIN, V. I. *Sobre o desvio sindicalista e anarquista em nosso partido*. Mar de 1921. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/lenin/1921/03/projeto.htm>. Acessado em 20 abr de 2018.

⁴¹ Ibidem.

⁴² Ibidem.

⁴³ Ibidem.

_____. *Sobre o papel e as tarefas dos sindicatos nas condições da Nova Política Econômica.* 4 jan de 1922. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/lenin/1922/01/04.htm>. Acessado em 20 abr de 2018.

_____. *Sobre os sindicatos, o momento atual e os erros de Trotski.* 30 dez de 1920. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/lenin/1920/12/30.htm>. Acessado em 20 abr de 2018.

TROTSKI. *De um relatório ao Encontro de Soldados Comunistas do Exército Vermelho em Yekaterinburgo,* 26 fev de 1920. Disponível em: https://www.marxists.org/espanol/trotsky/1920/febrero/26_ii_2.htm. Acessado em 18 abr de 2018.

_____. *Informe sobre a organização do trabalho.* Abr de 1920. Disponível em: <https://www.marxists.org/espanol/trotsky/1920/abril/iv.htm>. Acessado em 18 de abr de 2018.